

Universidade Federal do Pará
Análise dos Demonstrativos Contábeis
Professor: Heber Lavor Moreira

Análise dos Demonstrativos Contábeis
Análise Horizontal e Vertical, Liquidez, Endividamento e Rentabilidade.
Thomaz Pereira da Paixão Junior

Belém – Pa

2010

RESUMO

A análise das demonstrações financeiras é a base para uma boa administração financeira. E o profissional analista é que fica responsável por fornecer as informações necessárias para que a empresa esteja sempre com boa margem de segurança.

As demonstrações contábeis utilizadas na grande maioria das técnicas e indicadores de análise são o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício, no entanto todas as demonstrações contábeis são passíveis de análise.

A análise pode ser trabalhada tanto no âmbito financeiro, utilizando-se dos índices de Liquidez e Endividamento, como no âmbito econômico através dos índices de Rentabilidade. Estas análises oferecem uma visão bem eficaz e clara da situação econômico financeira da empresa, apontando seus pontos fortes e fracos e sua evolução durante os anos. Através da análise é possível projetar, o crescimento, o risco e outras situações futuras que a empresa possa enfrentar.

INTRODUÇÃO

Com as recentes mudanças no aspecto econômico financeiro das empresas, fica cada vez mais difícil falar sobre análise das demonstrações contábeis, e não relacionar o assunto com a atual forma de gestão das empresas, onde os analistas desempenham um papel fundamental no processo de tomada de decisão. Esse processo está cada vez mais, diretamente ligado ao estudo dos índices de análise, que podem ser de liquidez, endividamento, rentabilidade dentre outros. A partir do estudo destes índices pode-se perceber e verificar com fundamentação em dados precisos, a atual situação da empresa e com certa margem de segurança realizar uma projeção futura e até mesmo avaliar se um investimento em dado momento pode ser rentável ou prejudicial a “saúde financeira” da empresa.

Neste contexto, o papel do analista é realmente de fundamental importância na utilização das informações retiradas das demonstrações contábeis, principalmente o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício, gerando a partir dessas, novas informações com uma proposta totalmente diferente, uma vez que essas novas informações, ao contrario das anteriores, serão utilizadas para que o empresário, o maior o interessado, tenha um maior acesso e entendimento dos resultados obtidos, através do analista que é o responsável pela “tradução” de tais informações em uma linguagem mais adequada a uma melhor recepção dessas informações por parte do empresário.

Assim, o empresário se utilizando de tais informações terá maior facilidade para que através dos relatórios emitidos pelo analista possa tomar suas decisões com a maior probabilidade de acerto possível, fazendo assim com que diminua consideravelmente o risco para sua empresa, pelo fato de que os relatórios citados anteriormente, têm em seu conteúdo resultados que trazem uma abrangência em relação as mais diversas possibilidades dos riscos e projeções de crescimento futuro da empresa, obtendo assim na maioria das vezes êxito na execução das tomadas de decisões no que tange a capacidade de pagamento, rentabilidade, endividamento e investimentos que venham a ser atraentes a um olhar mais superficial do empresário.

Desta forma, serão evidenciados os métodos e as técnicas utilizadas por um bom analista e análises parciais isoladas, de cada um deles, na tentativa de explicar melhor o que cada indicador e método trabalham e para que situações devam ser utilizadas.

1. CONCEITUAÇÃO DE ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

A análise das demonstrações financeiras, também chamadas de análise de balanços, isso porque até certo tempo a demonstração do resultado do exercício, foi conhecida como Balanço Econômico (Balanço de Resultado), desta forma por algum tempo tudo era conhecido como Balanço.

Análise das demonstrações contábeis consiste na utilização e interpretação das informações presentes nessas demonstrações, como peças fundamentais para gerar uma nova informação com uma vasta quantidade de opções no trabalho de obter acesso a dados de fundamental importância para gestão e principalmente na tomada de decisão no âmbito econômico e financeiro das empresas. Essa interpretação deve ser feita através de linguagem simplificada tornando assim mais fácil o entendimento das mesmas para os seus interessados.

Para Ludicibus (1998, p.20) análise de balanços é a arte de saber extrair relações úteis, para o objetivo econômico que tivermos em mente, dos relatórios contábeis tradicionais e de suas extensões e detalhamentos, se for o caso. Consideramos que a análise de balanços é uma arte, pois, embora existam alguns cálculos razoavelmente formalizados, não existe forma científica ou metodologicamente comprovada de relacionar os índices de maneira a obter um diagnóstico preciso.

Segundo PADOVEZE (1996, p.115), "A análise de balanço constitui-se num processo de meditação sobre os demonstrativos contábeis, objetivando uma avaliação da situação da empresa, em seus aspectos operacionais, econômicos, patrimoniais e financeiros".

Segundo MATARAZZO (1998, p. 13), a análise de balanços "começa onde termina o trabalho do contador", pois ele vai além dos relatórios, traduzindo os dados obtidos em informações acessíveis aos administradores, auxiliando na tomada de decisões, bem como aos demais usuários da contabilidade.

2. PRINCIPAIS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS UTILIZADAS NA ANÁLISE

Na realização de análise das demonstrações contábeis, todas as demonstrações são úteis para análise, no entanto as mais utilizadas são o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício. O Balanço Patrimonial é em geral a primeira demonstração a ser analisada, uma vez que tem as informações mais abrangentes em relação a tudo que acontece na empresa.

Segundo Marion (2008, p.22) maior ênfase é dada para as duas primeiras demonstrações, uma vez que por meio delas, são evidenciadas de forma objetiva a situação financeira (identificada no BP) e a situação econômica (identificada no BP e, em conjunto, na DRE).

3. PRINCIPAIS TÉCNICAS DE ANÁLISE

Para fazer uma boa análise, é necessário que o analista tenha acesso as demonstrações contábeis, e estas por sua vez traduzam a veracidade dos fatos ocorridos na empresa. Outro detalhe importante é observar e avaliar a confiabilidade destas informações, através de alguns passos importantes como, verificar se a empresa publica suas demonstrações em jornais, se elas são assinadas por contador, e se são devidamente auditadas por empresas do ramo.

Matarazzo afirma que análise de Demonstrações Financeiras baseia-se em raciocínio científico, tendo como objetivo a conversão das demonstrações contábeis em relatórios de linguagem descomplicada, entende-se, então, que, conforme Matarazzo (1998, p. 22):

- a.** extraem-se índices das demonstrações financeiras;
- b.** comparam-se os índices com os padrões;
- c.** ponderam-se as diferentes informações e chega-se a um diagnóstico ou conclusões;
- d.** tomam-se decisões.

Segundo Marion (2008, p.24) algumas das técnicas de análise mais utilizadas são as seguintes:

- Análise Horizontal e Vertical.
- Indicadores Financeiros e Econômicos.
- Análise da Taxa de Retorno sobre Investimentos.

4. ANÁLISE HORIZONTAL E VERTICAL

Essas técnicas utilizam da comparação dos dados presentes nas demonstrações contábeis, a Análise Horizontal verifica o crescimento ou decréscimo de cada conta ou grupo de conta do Balanço Patrimonial, ou em relação às receitas e despesas, presentes na Demonstração do Resultado do Exercício de um ano para o outro, mostrando com isso por várias vezes a tendência de uma ou mais contas e pode ser aplicada em mais de um

exercício consecutivo, entretanto sempre partindo do mesmo ano base para realizar o comparativo.

De acordo com Iudicibus (1998, p.90) a finalidade principal da análise horizontal é apontar o crescimento de itens dos Balanços e das Demonstrações de Resultados (bem como de outros demonstrativos) através dos períodos, a fim de caracterizar tendências.

Na Análise Vertical considera-se dados do mesmo período ou exercício, e desta vez tomando-se como base o total do ativo e do passivo no Balanço Patrimonial e receita líquida na Demonstração do Resultado do Exercício, verificando através de proporções, ou seja, comparando uma parte em razão do todo, como estão se constituindo esses grupos do Balanço Patrimonial.

Para Iudicibus (1998, p.93) este tipo de análise é importante para avaliar a estrutura de composição de itens e sua evolução no tempo.

Nestas técnicas de análises os resultados obtidos serão sempre em forma de porcentagem. De posse dos dados obtidos através do estudo das informações a partir da análise horizontal, o analista verifica as possíveis tendências do que poderá vir a acontecer com a empresa nos anos subsequentes, e então buscar reverter o quadro se esta tendência indicar um quadro de risco iminente para a empresa, ou aperfeiçoar a tendência se não houver risco e sim uma forte tendência a melhoria e expansão da empresa. Fato certo, é que estes índices só terão um resultado mais preciso se a analista atualizar os valores através da atualização do poder de compra da empresa, uma vez que a inflação é um problema que afeta muito a significância desta informação se a análise for realizada com valores desatualizados.

Vale salientar que o ideal é que as análises horizontal e vertical sejam utilizadas em conjunto, pois os resultados associados irão verificar como estão se compondo os itens do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado, e observar a evolução dos mesmos de um exercício para o outro tornando desta forma a análise mais completa, ficando assim com informações suscetíveis a uma melhor tomada de decisão e facilitando assim a gestão dos administradores e diretores.

Segundo Iudicibus (1998, p.95) a análise de balanços revela mais áreas de problemas a serem investigadas do que soluções. Isto no que se refere a análise completa. O que dizer, então, de uma pequena parte da análise, qual seja, o cálculo das porcentagens verticais? Entretanto, o "contador com mentalidade de analista" poderá discernir uma série de fatores que motivaram certo comportamento e aponta-los ao setor financeiro.

Essas técnicas de análise, são muito importantes, uma vez que são o ponto de partida para a análise de quocientes efetivamente, assim sendo não é prudente que o

analista tire conclusões apressadas a partir destes estudos uma vez que apesar de serem informações importantes não são, isoladamente, informações completas, logo é necessário seguir para os próximos passos da análise e a partir daí ter uma análise cada vez mais completa e segura.

5. INDICES DE LIQUIDEZ

A análise destes índices mostra a capacidade de pagamento da empresa tanto a curto prazo como a longo prazo, ou seja, estes índices demonstram a situação da empresa em relação a eficiência para pagar suas dívidas. No entanto estes índices possuem alguns defeitos, como por exemplo o fato de não contemplarem qualitativamente os estoques, e sua eficiência para se transformarem dinheiro, e também o fato de não poder identificar os prazos de pagamentos e os prazos de recebimento.

Marion afirma que estes índices são utilizados para avaliar a capacidade de pagamento da empresa, isto é, constituem uma apreciação sobre se a empresa tem capacidade para saldar seus compromissos. Essa capacidade de pagamento pode ser avaliada, considerando: Longo prazo, curto prazo ou prazo imediato. (MARION, 2008, p.83).

"Tradicionalmente, a análise e a interpretação de balanços têm-se valido do expediente de calcular uma série de quocientes, relacionando as mais variadas contas do balanço e do demonstrativo operacional, procurando atribuir um significado aos resultados de tais cálculos". (IUDÍCIBUS, 1995, p.81).

MARION (1997, p. 459) adverte: "Conceituar o índice, todavia, sem outros parâmetros, é uma atitude bastante arriscada, por isso desaconselhável".

Para LEITE (1999, p.72), os índices de liquidez não são, necessariamente, os indicadores mais apropriados da eficiência da administração financeira de uma empresa. Há outros indicadores, talvez, mais importantes, para se avaliar a capacidade financeira da empresa, como por exemplo, a sua capacidade de gerar lucros em suas operações. Não percamos de vista que os estoques estão avaliados pelo *custo* e não pelo *preço de venda* a que serão, efetivamente, transformados em Caixa.

5.1. LIQUIDEZ CORRENTE

Através do cálculo deste índice, é possível verificar a capacidade de pagamento das dívidas de curto prazo da empresa, ou seja, relaciona o Ativo Circulante com o Passivo Circulante. Segundo Iudicibus (1998, p.100) este quociente relaciona quantos reais dispomos, imediatamente disponíveis e conversíveis em curto prazo em dinheiro, com

relação as dividas de curto prazo. É um índice muito divulgado e frequentemente considerado como o melhor indicador da situação de liquidez da empresa. Este índice é calculado através da seguinte fórmula:

$$\text{LIQUIDEZ CORRENTE} = \frac{\text{ATIVO CIRCULANTE}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}$$

Fato interessante é que este índice pode ser manipulado com certa facilidade, pois uma vez que, o contador poderá solicitar a antecipação do pagamento de algumas dividas de curto prazo através do seu disponível, diminuindo com isso tanto seu Ativo circulante quanto seu Passivo circulante, no entanto em contrapartida seu índice de liquidez corrente aumentará significativamente como no exemplo a seguir:

Uma empresa tem seu Ativo circulante no valor de \$130.000,00, e seu passivo circulante de \$100.000,00, então a partir da formula a empresa terá uma liquidez de \$ 1,30, ou seja, para cada \$1,00 que ela deve a mesma possui \$1,30 para pagar. Entretanto a diretoria comunica ao analista que precisa melhorar este índice, pois quer fazer um empréstimo para ampliação da empresa. Como solução o analista pede que a empresa pague 75% de suas dividas de curto prazo, ficando desta forma com \$ 55.000,00 em seu AC e \$ 25.000,00 em seu PC, mudando assim o seu índice de liquidez para \$ 2,20, e tornando-o muito mais atraente e fornecendo uma maior segurança através dele.

5.2 LIQUIDEZ SECA

Este índice se diferencia do anterior basicamente por, não levar em consideração os estoques como parte do ativo circulante, pois não é possível afirma quando e se realmente estes estoques se transformarão em dinheiro, desta forma este índice tende a ser mais baixo que o índice de liquidez corrente, porém evidencia o mais próximo da realidade da capacidade de pagamento da empresa.

Este índice é calculado através da seguinte fórmula:

$$\text{LIQUIDEZ SECA} = \frac{\text{ATIVO CIRCULANTE - ESTOQUES}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}$$

Em relação à liquidez seca, LEITE (1994, p.75) afirma: 'Aliás, como já dissemos, os estoques estão figurando no balanço, valorizados pelos respectivos custos históricos. Dessa forma, o Índice de Liquidez Corrente supõe que os estoques sejam realizados pelo valor de custo para cobrir as dívidas em curto prazo, o que já é, na realidade, uma hipótese extremamente 'severa'. 'O Índice de Liquidez Seca supõe que os estoques

não seriam realizados nem a valor de custo, o que constitui uma hipótese extremamente pessimista, se não irreal, na maioria dos casos”.

Para Dias (2000, p.144) As principais limitações à Liquidez Seca são:

- “É um indicador estático”.
- Avalia conservadoramente a situação de liquidez da empresa.
- Os estoques estão valorizados em uma base de custo.
- Inclui no numerador rubricas confusas e de conteúdo dúbio, como contas correntes, outras contas a receber, etc., cuja conversibilidade não é evidente como se pretende que seja a peculiaridade do QSL.
- Agrega ativos e passivos cuja realização financeira ocorre nos mais diversos prazos.
- Enquanto o passivo circulante é líquido e certo, esse índice convive com as incertezas dos riscos do ativo circulante.
- “Padece, por conseguinte, das mesmas limitações associadas à liquidez corrente”.

5.3 LIQUIDEZ GERAL

Este índice demonstra a capacidade da empresa de honrar suas dividas de Curto e Longo Prazo, mediante ralação com o que ela transformará em dinheiro em Curto e Longo Prazo, desta forma apontando o estado financeiro da empresa, tratando-se de liquidez, de longo prazo.

Este índice é calculado através da seguinte formula:

$$\text{LIQUIDEZ GERAL} = \frac{\text{ATIVO CIRCUL} + \text{ATIVO NÃO CIRCUL}}{\text{PASSIVO CIRCUL} + \text{PASSIVO NÃO CIRCUL}}$$

Iudicibus afirma em sua obra que “este índice serve para detectar a saúde financeira (no que se refere à liquidez) de longo prazo do empreendimento. (IUDICIBUS, 1998 p.102).

Segundo Marion (2008, p. 89) este índice “mostra a capacidade de pagamento da empresa a Longo Prazo, considerando tudo o que ela converterá em dinheiro (a Curto e Longo Prazo), relacionando-se com tudo que já assumiu como divida (a Curto e Longo Prazo)...”.

5.4 LIQUIDEZ IMEDIATA

Este índice é perfeitamente caracterizado por seu nome, pois se trata dos valores que imediatamente ao dispor da empresa para que a mesma possa saldar suas dívidas de curto prazo. Este índice se diferencia da liquidez corrente e da liquidez seca, por utilizar-se apenas do caixa, do banco e das aplicações de curtíssimo prazo, como podemos observar claramente na fórmula utilizada para calcular o índice:

$$\text{LIQUIDEZ IMEDIATA} = \frac{\text{DISPONIVEL}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}$$

De acordo com MARION (2008, p.91) para efeito de análise é um índice sem muito realce, pois relacionamos dinheiro disponível com valores, que vencerão as datas as mais variadas possíveis, embora em curto prazo. Assim, temos contas que vencerão daqui a cinco ou dez dias, como temos também as que vencerão daqui a 360 dias, e que não se relacionam com a disponibilidade imediata.

6. ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO

Os índices de endividamento apontam a probabilidade da empresa não arcar com suas obrigações. A elevada presença de capitais de terceiros trazer sérios problemas para a empresa. As dívidas são apresentadas apenas pelo seu saldo devedor. Desta forma nenhum tipo de ajuste é feito pelo nível corrente das taxas de juros que estão sempre variando.

Como o endividamento considera os investimentos totais na sua determinação, pode-se avaliar, plenamente, o comportamento da estrutura financeira de uma empresa.

O endividamento de uma empresa tem relação geralmente com os recursos de terceiros. "A situação de endividamento de uma empresa indica o montante de recursos de terceiros que está sendo usado, na tentativa de gerar lucros." GITMAN (1997 p. 115).

De forma geral, quanto mais recursos de terceiros a empresa utiliza em relação ao seu ativo, maior será a sua alavancagem financeira, termo utilizado para descrever a ampliação do risco e do retorno ocasionada pelo uso de financiamento a custos fixos, como dívida e ações preferenciais. Em outras palavras, "quanto maior o endividamento a custos fixos, ou alavancagem financeira, de uma empresa, maior serão o seu risco e retorno esperados." GITMAN (1997 p. 116)

Quando se fala de endividamento, nem sempre é correto afirmar que a empresa que tem dívidas esteja em situação ruim, para tal afirmação é necessário primeiramente

analisar a quantidade e a qualidade destas dívidas, e para isso é que temos os indicadores de endividamento em análise que são:

- Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais
- Garantia do Capital Próprio ao Capital de Terceiros
- Composição do endividamento.

De acordo com Marion (2008, p.105), em relação a quantidade do endividamento, há necessidade de detectar as características do seguinte indicador:

- empresas que recorrem a dívidas como um complemento dos Capitais Próprios para realizar aplicações produtivas em seu Ativo (ampliação, expansão, modernização etc.). Esse endividamento é sadio, mesmo sendo um tanto elevado, pois as aplicações produtivas deverão gerar recursos para saldar o compromisso assumido;
- empresas que recorrem a dívidas para pagar outras dívidas que estão vencendo. Por não gerarem recursos para saldar seus compromissos, elas recorrem a empréstimos sucessivos. Permanecendo esse círculo vicioso a empresa será séria candidata à insolvência; conseqüentemente, à falência.

Já em relação à qualidade da dívida Marion afirma que a proporção favorável seria de maior participação de dívidas a Longo Prazo, propiciando à empresa tempo maior para gerar recursos que saldarão os compromissos. (MARION, p.105)

Ainda para Marion se a composição do endividamento apresentar significativa concentração no Passivo Circulante (Curto Prazo), a empresa poderá ter reais dificuldades num momento de reversão do mercado (o que não aconteceria se as dívidas estivessem concentradas no Longo Prazo). (MARION 2008 p.106)

6.1 QUOCIENTES DE PARTICIPAÇÃO DO CAPITAL ALHEIO SOBRE AS RECURSOS TOTAIS

Este índice demonstra quantitativamente, o percentual que o endividamento da empresa representa sobre os seus fundos totais. Este índice é calculado através da relação entre o Passivo Circulante e Não Circulante com o Passivo Total, expressa na seguinte fórmula:

Participação Capital Alheio s/ Recursos Totais	=	$\frac{PC + \tilde{N}C}{PT}$
--	---	------------------------------

Para Ludicibus (1998, p.103) este índice expressa a porcentagem que o endividamento representa sobre os fundos totais. Também significa qual a porcentagem do ativo total financiada com recursos de terceiros.

Ainda para Ludicibus, no Longo Prazo, a porcentagem de capitais de terceiros sobre os fundos totais não poderia ser muito grande, pois isto iria progressivamente aumentando as despesas financeiras, deteriorando a posição de rentabilidade da empresa.

A manutenção de um índice alto em longo prazo somente seria possível, se a taxa de retorno fosse maior que a taxa de juros média sobre o endividamento.

6.2 GARANTIA DO CAPITAL PRÓPRIO AO CAPITAL DE TERCEIROS

Com este índice é possível determinar se a participação de capitais próprios está dando uma margem de segurança para que a empresa consiga honrar as dívidas geradas pela participação de capitais de terceiros. Indica quanto à empresa terá como garantia de cobertura para cada 1 (uma) unidade monetária de capital tomado de terceiros. Este índice tem uma grande importância, pois demonstra as reais garantias que a empresa pode dar para possíveis captações dentro do mercado financeiro ou investidores e acionistas quando da tomada de recursos.

Valores muito baixos nestes índices por longos períodos podem indicar que a empresa não está conseguindo operar sem a participação de terceiros, fazendo com que a empresa esteja perdendo sua autonomia financeira. Este índice é calculado através da seguinte fórmula:

Garantia do Capital Alheio	=	$\frac{PL}{PC + \tilde{N}C}$
----------------------------	---	------------------------------

Para Marion (2008, p. 105) uma participação do capital de terceiros exagerada em relação ao capital próprio torna a empresa vulnerável a qualquer intempérie. Normalmente, as instituições financeiras não estarão dispostas a conceder financiamentos para as empresas que apresentarem essa situação desfavorável.

6.3 COMPOSIÇÃO DO ENDIVIDAMENTO

Através do cálculo deste índice é possível identificar a formação da estrutura da dívida da empresa, uma vez que ele mostra se essas dívidas são de Longo Prazo ou de Curto Prazo. Assim sendo essa análise mostra o endividamento de curto prazo em relação ao endividamento total. Algo que vale salientar é o fato de que valores muito elevados podem trazer problemas para a empresa pois esta estará concentrando suas dívidas em curto prazo, ficando assim com pouco tempo hábil para gerar recursos que irão cobrir as dívidas. Este índice é trabalhado a partir da fórmula:

Participação das Dividas C/P s/ End. Total	=	$\frac{PC}{PC + \tilde{N}C}$
--	---	------------------------------

Ludicibus afirma que a empresa em franca expansão, deve procurar financi-la, em grande parte, com endividamento de longo prazo, de forma que, à medida que ela ganhe capacidade operacional adicional com a entrada em funcionamento dos novos equipamentos e outros recursos de produção, tenha condições de começar a amortizar suas dividas. Por isto é que se deve evitar financiar expansão com empréstimos de curto prazo, a não ser que o período de *payback* dos ativos seja curtíssimo, fato que raramente ocorre.

7. RENTABILIDADE

A análise de rentabilidade, parte da utilização de indicadores econômicos para verificar as taxas de retorno e margem de segurança que a empresa esta tendo em seus investimentos operacionais. Nos índices anteriores temos o fato de ainda não termos trabalhado a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), fato este que não se repetirá para efeito de calculo e analise dos índices de Rentabilidade, que pode ser considerada como o retorno sobre o investimento.

Os índices de rentabilidade visam avaliar os resultados auferidos pela empresa, ou seja, mostram qual a rentabilidade dos capitais investidos, isto é, quanto rendeu os investimentos e, portanto, qual o grau de êxito econômico da empresa.

As principais bases de comparação adotadas para o estudo dos resultados empresariais são o Ativo Total, o Patrimônio Líquido e as Receitas de Vendas. Os resultados normalmente utilizados, por sua vez, são o Lucro Operacional (lucro gerado pelos ativos) e o Lucro Líquido (após o Imposto de Renda). Todos esses valores financeiros devem estar expressos em moeda de mesmo poder de compra.

Para podermos analisar a taxa de retorno da empresa não podemos apenas utilizar o Lucro apresentado na DRE, pois desta forma estaríamos nos precipitando como analistas, uma vez que só será possível avaliar se os investimentos da empresa realmente foram rentáveis ao relacionarmos o Lucro com algum valor de dimensão relativa do mesmo, e então avaliar se foi valido realizar o investimento.

Sobre analise de Rentabilidade Marion diz que o objetivo, então, é calcular a taxa de Lucro, isto é, comparar o Lucro em valores absolutos com valores que guardam alguma relação com o mesmo. (MARION, 2008, p. 139).

Ludicibus (1998, p. 110) diz que: de maneira geral, portanto, devemos relacionar um lucro de um empreendimento com algum valor que expresse a dimensão relativa do mesmo, para analisar quão bem se saiu a empresa em determinado período. O melhor

conceito de dimensão poderá ser ora o volume de vendas, ora o valor do ativo total, ora o valor do patrimônio líquido, ou o valor do ativo operacional, dependendo da aplicação que fizermos.

Assim sendo alguns dos indicadores de rentabilidade mais usados são:

- A margem de lucro sobre as vendas
- O retorno sobre o investimento

Estes índices serão melhor apresentados a seguir.

7.1 MARGEM DE LUCRO SOBRE AS VENDAS

Conhecido também como Margem operacional, é utilizada para efeito de análise a relação entre o lucro e as vendas líquidas de preferência.

Ludicibus (1998, p. 111) afirma que, este quociente, apesar dos esforços constantes para melhorá-lo, comprimindo despesas e aumentando a eficiência, apresenta-se baixo ou alto de acordo com o tipo de empreendimento.

Este índice tem duas divisões quanto a análise, Margem operacional e Margem Líquida.

A margem operacional mede o que, com que frequência, se denomina *lucros puros*, obtidos em cada unidade monetária de venda. “O lucro operacional é puro, no sentido de que ignora quaisquer despesas financeiras ou obrigações (juros ou impostos de renda) e considera somente os lucros auferidos pela empresa em suas operações.” GITMAN (1997 p. 122). Este índice pode ser calculado como:

$$\text{MARGEM OPERACIONAL} = \frac{\text{LUCRO OPERACIONAL}}{\text{VENDAS LÍQUIDAS}}$$

Esta margem líquida é um dos índices mais utilizados pelos analistas, por ser este, o índice que revela o sucesso da empresa em termos de lucratividade sobre vendas. A margem líquida mede a porcentagem de cada unidade monetária de venda que restou, depois da devolução de todas as despesas, inclusive o imposto de renda.” GITMAN (1997 p. 122). Este índice pode ser calculado como:

$$\text{MARGEM LÍQUIDA} = \frac{\text{LUCRO LÍQUIDO}}{\text{VENDAS LÍQUIDAS}}$$

7.2 O RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO

Este indicador representa o quanto à empresa esta tendo como remuneração do investimento realizado. Para Ludicibus (1998, p. 111) é, provavelmente, o mais importante

quociente individual de toda a análise de balanços. Assim como na margem de lucro este índice se divide em duas partes.

A Taxa de Retorno sobre o Ativo Total (ROA) também chamada de retorno sobre o investimento (ROI), mede a eficiência da administração na geração de lucros com seus Ativos Totais. É calculado da seguinte forma:

$$\text{ROA} = \frac{\text{MARGEM LÍQUIDA}}{\text{ATIVO TOTAL}}$$

ou

$$\text{ROA} = \frac{\text{MARGEM OPERACIONAL}}{\text{ATIVO OPERACIONAL}}$$

Temos também a taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido, que possibilita a verificação do retorno que a empresa teve com relação ao seu capital próprio, ou seja sem a participação de capitais de terceiros.

“A taxa de retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), mede o retorno obtido sobre o investimento (ações preferenciais e ordinárias) dos proprietários da empresa.”. GITMAN (1997 p. 123). Este índice é calculado como:

$$\text{ROA} = \frac{\text{LUCRO LÍQUIDO}}{\text{PATRIM. LÍQUIDO MÉDIO}}$$

Fábio Espínola em sua monografia diz a Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE): mensura o retorno dos recursos aplicados na empresa por seus proprietários, ou seja, para cada unidade monetária de Recursos Próprios (Patrimônio Líquido) investido na empresa, mede-se quanto os proprietários auferem de lucro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho acredito que tenha ficado clara a idéia fundamental, de conceituação das análises das demonstrações contábeis nele presentes. Ao final do mesmo ficou claro que a análise das demonstrações contábeis é uma importante ferramenta para verificar a situação econômica e financeira da empresa, e determinar qual a melhor estrutura de capital a ser utilizada, e dando bases para a tomada decisão mais acertada.

Outro ponto a ser levantado fica no fato de que não se pode fazer análise baseado em apenas um índice ou indicador. Na verdade é necessário tomar bastante cuidado, pois o resultado da avaliação de índices isolados podem não refletir o real momento econômico financeiro de uma empresa, passando assim uma margem de risco ou de segurança irreal. Temos por exemplo o fato dos índices de liquidez citados no corpo do trabalho como índices de fácil alteração por parte do analista para que naquele momento a empresa esteja em um nível bem acima do normal, passando a idéia de elevada confiabilidade, e propiciando maiores chances de investidores estarem dispostos a arriscar o investimento.

Diante do exposto acima fica fácil afirmar que o ideal para que se tenha uma análise que revele a verdadeira saúde financeira da empresa seja trabalhar pelo menos os índices constantes no trabalho, em conjunto, para que desta forma o analista faça a integração das informações e então fornece um relatório de análise extremamente completo e com informações com bases realmente confiáveis.

Com isso em mãos a função dos administradores e da diretoria ficará bastante facilitada e terá um alto índice de segurança no que diz respeito a tomada de decisões para investimentos que possam vir a ter grande valia na continuidade operacional da empresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GITMAN, Lawrence. **Princípios da Administração Financeira**. 7ª ed. São Paulo: Harbra, 1997.
2. IUDICIBUS, Sérgio. **Análise de Balanços**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.
3. IUDICIBUS, Sérgio. **Análise de Balanços**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
4. LEITE, Hélio de Paula. **Contabilidade para administradores**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.
5. LEITE, Hélio de Paula. **Introdução à Administração Financeira**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.
6. MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
7. MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.
8. MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.
9. PADOVEZE, Claudio Luis. **Contabilidade Gerencial**. São Paulo: Atlas, 1996.